

Aprendizagem experiencial na extensão universitária: impactos na formação em enfermagem e saúde mental

**Experimental learning in university extension program: impacts on
Nursing and Mental Health Education**

**Aprendizaje experiencial en la extensión universitaria: impactos en la
formación en Enfermería y salud mental**

Girliani Silva de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0988-5744>

Marlene Azevedo Magalhães Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7539-4089>

Miriam Maria Gonçalves Chaves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0712-5714>

Amanda Márcia dos Santos Reinaldo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0283-2313>

Resumo: O presente estudo teve como objetivo discutir a extensão universitária em enfermagem e saúde mental e sua contribuição para a formação do enfermeiro por meio das narrativas de extensionistas. Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, do tipo história oral. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com enfermeiros que participaram de um projeto de extensão em saúde mental desenvolvido em um Centro de Convivência da Rede de Atenção Psicossocial de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Os dados foram analisados sob a perspectiva da análise de conteúdo. Os resultados apontaram que a vivência no projeto contribuiu para a escolha da especialidade de enfermagem em saúde mental como campo de atuação profissional, influenciando as escolhas profissionais dos extensionistas em áreas afins, como a educação em saúde. As experiências no campo da saúde mental potencializaram a autonomia e a capacidade de planejamento na vida e na profissão, além de oportunizar explorar habilidades, desenvolver competências, reduzir estigma e preconceito em relação ao adoecimento mental, contribuindo para a formação profissional do enfermeiro.

Palavras-chave: capacitação profissional; saúde mental; enfermagem; extensão universitária.

Abstract: This study aimed to discuss university extension programs in nursing and mental health and their contribution to nursing education through extension workers' narratives. This is a qualitative oral history study. Data collection was carried out through interviews with nurses who participated in a mental health extension project developed at a Community Center of the Psychosocial Care Network in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. The data were analyzed from a Content Analysis perspective. The results indicated that the project



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

experience contributed to the choice of the specialty of mental health nursing as a field of professional activity, influencing the extension workers' professional decisions in related areas, such as health education. Experiences in the mental health field have enhanced autonomy and the ability to plan their life and profession, in addition to exploring skills, developing competencies, reducing stigma and prejudice concerning mental illness, and contributing to the nurses' professional training.

Keywords: professional training; mental health; nursing; university extension.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo discutir la extensión universitaria en Enfermería y salud mental, y su contribución a la formación de enfermeros a través de las narrativas de los extensionistas. Se trata de un estudio cualitativo, del tipo historia oral. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas con enfermeros que participaron de un proyecto de extensión en salud mental desarrollado en un Centro Comunitario de la Red de Atención Psicosocial en Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Los datos fueron analizados desde la perspectiva del Análisis de Contenido. Los resultados mostraron que la experiencia del proyecto contribuyó para la elección de la especialidad de Enfermería en salud mental como campo de actividad profesional, influyendo en las elecciones profesionales de los extensionistas en áreas relacionadas, como la educación en salud. Las experiencias en el campo de la salud mental mejoraron la autonomía y la capacidad de planificación en la vida y en la profesión, además de explorar habilidades, desarrollar las habilidades, reducir el estigma y los prejuicios en relación a la enfermedad mental, contribuyendo a la formación profesional del enfermero.

Palabras clave: formación profesional; salud mental; enfermería; extensión universitaria.

1 Introdução

A extensão universitária desempenha um papel fundamental na promoção da interação entre a universidade e a sociedade, contribuindo para a democratização do conhecimento, a formação cidadã e o desenvolvimento socioeconômico do país, incentivando a reciprocidade entre instituição de ensino e sociedade. A extensão é uma das três funções universitárias reconhecidas pela legislação brasileira, juntamente com o ensino e a pesquisa, sendo regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e pelo Plano Nacional de Extensão Universitária (Brasil, 1996; Brasil, 1999).

As universidades brasileiras têm desenvolvido atividades de extensão em diferentes cenários e contextos, que vão desde programas de alfabetização e educação de jovens e adultos até projetos de saúde comunitária, como campanhas de vacinação, prevenção de doenças e promoção da saúde. As ações, os projetos e os programas de extensão são realizados por professores, estudantes e técnicos-administrativos, em alguns casos em parceria com órgãos públicos, organizações da sociedade civil e empresas. É notório que a extensão universitária tem um impacto significativo na formação dos estudantes, proporcionando a eles oportunidades de aprendizado prático, contato com a realidade social e desenvolvimento de habilidades de trabalho em equipe e liderança (Brito *et al.*, 2021).

A Lei nº 13.005/2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE), para o período de 2014-2024, é de fato uma iniciativa significativa para promover a curriculariza-

ção da extensão universitária no Brasil. A meta 12.7 do PNE estabelece claramente a necessidade de programas e projetos de extensão universitária orientados, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social como parte integrante dos cursos de graduação (Brasil, 2015).

A Lei nº 13.005/2014 reafirmou objetivos centrais já delineados no PNE anterior, estabelecido pela Lei nº 10.172/2001, especialmente nas metas 21 e 23, que abordavam a expansão do acesso à educação básica e superior e a valorização dos profissionais da educação (Brasil, 2015). No entanto, um ponto crítico na discussão sobre o novo PNE foi a ausência de uma diretriz específica sobre a extensão universitária, um aspecto vital na articulação entre a universidade e a comunidade (Miguel, 2023).

A extensão universitária desempenha um papel fundamental na democratização do conhecimento e na inserção social, mas a não inclusão desse tema no documento de 2014 levantou preocupações sobre a lacuna na valorização dessa dimensão da educação superior. Essa omissão refletiu uma visão limitada sobre o papel das universidades, restringindo o potencial transformador que a extensão universitária possui na formação acadêmica e na interação com a sociedade (Miguel, 2023).

A Resolução nº 7 de 2018 do Ministério da Educação alterou o processo de trabalho do docente, ao prever que o professor incorporasse a curricularização da extensão em seu Plano de Ensino e Aprendizagem (PEA). As instituições de ensino superior do Brasil tiveram que se adequar às diretrizes estabelecidas pelo PNE para garantir a integralização de 10% da carga horária dos cursos de graduação por meio de atividades de extensão. As atividades devem ser planejadas, realizadas e avaliadas no âmbito dos componentes curriculares dos cursos (Brasil, 2018).

A resolução tem um impacto direto nas instituições de ensino superior do país, exigindo que elas modifiquem seus currículos para garantir a integralização de pelo menos 10% da carga horária dos cursos de graduação, por meio de atividades de extensão planejadas, realizadas e avaliadas no âmbito dos componentes curriculares. A medida tem como objetivo estimular a participação dos estudantes em atividades que promovam o envolvimento com a comunidade e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, contribuindo para uma formação integral e comprometida com as demandas sociais e de saúde do país (Brasil, 2018).

As diretrizes da extensão universitária no Brasil estabelecem princípios e objetivos para promover a integração entre a universidade e a sociedade, visando à formação cidadã e ao desenvolvimento social. Fundamentadas na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, essas diretrizes preveem a realização de atividades que articulem o saber acadêmico com as demandas e necessidades da comunidade. Entre os principais objetivos, destacam-se a promoção da inclusão social, a valorização do saber popular, o

estímulo à inovação e ao desenvolvimento sustentável e a contribuição para a formação integral dos estudantes. As diretrizes também enfatizam a importância da participação ativa dos diversos segmentos sociais e a criação de projetos que abordem questões relevantes e emergentes da sociedade, fortalecendo a relação entre a universidade e a população (Gadotti, 2017).

É importante citar que, em relação à extensão universitária e à diretriz que diz respeito ao impacto na formação do estudante, enfatiza-se que a participação em projetos de extensão amplia a experiência educacional, promovendo o desenvolvimento de competências críticas, éticas e sociais. Ao envolver-se em atividades extensionistas, o estudante aplica o que aprende em sala de aula, adquirindo uma compreensão das questões sociais, culturais e econômicas que afetam a comunidade. Essa experiência prática, alinhada com a teoria, enriquece a formação acadêmica, preparando o estudante para atuar de forma consciente e comprometida com a transformação social (Pereira *et al.*, 2022).

O presente estudo teve como objetivo analisar a extensão universitária em enfermagem e saúde mental por meio da vivência de extensionistas de um projeto de extensão. Acredita-se que a extensão e sua consequente curricularização contribuem de forma positiva para a formação profissional do enfermeiro.

2 A curricularização da extensão nas áreas da saúde e enfermagem

A curricularização da extensão na área da saúde refere-se à integração das atividades de extensão universitária nos currículos dos cursos de graduação em saúde (Brasil, 2018; Rocha *et al.*, 2019). Essa estratégia visa integrar as atividades de extensão ao currículo acadêmico, de modo que se tornem uma parte obrigatória da formação dos estudantes. Dessa forma, as atividades de extensão são planejadas, desenvolvidas e avaliadas em conjunto com as disciplinas do curso, garantindo que os estudantes tenham a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula na prática, além de contribuir para o desenvolvimento de competências essenciais para a atuação profissional (Reis, 2022).

A extensão universitária nas áreas das enfermagem e saúde mental desempenha um papel importante na promoção da saúde mental, na prevenção de doenças mentais e no apoio a indivíduos e comunidades que enfrentam desafios relacionados à saúde mental. As atividades de extensão nessa área podem abranger uma variedade de iniciativas, tais como campanhas de conscientização e educação, abordando temas como redução do estigma, promoção do autocuidado, prevenção do suicídio, cuidado em rede, suporte familiar, empreendedorismo, sofrimento e adoecimento mental (Abrocesi *et al.*, 2022; Oliveira, 2023).

No âmbito da extensão em enfermagem e saúde mental, também é possível oferecer cursos de capacitação de profissionais de saúde sobre avaliação e intervenção em saúde mental, incluindo estratégias de atendimento em situações de crise e manejo de transtornos mentais, além de atendimento psicossocial à população em comunidades carentes ou em áreas de vulnerabilidade social, supervisão das equipes dos serviços de saúde mental da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), acolhimento e encaminhamento para tratamento especializado, quando necessário, e ações de promoção da saúde mental em escolas, empresas, unidades de saúde e outros espaços comunitários (Teixeira; Pires, 2021; Santo Neto *et al.*, 2023).

A abordagem experiencial na educação se concentra no aprendizado prático e imersivo como um meio fundamental para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos. Em contraste com métodos tradicionais que enfatizam, principalmente, a transmissão passiva de informações, a abordagem experiencial encoraja os alunos a se envolverem ativamente em situações reais ou simuladas, na quais podem aplicar teorias aprendidas em sala de aula e refletir sobre suas experiências. Isso não só fortalece a compreensão prática dos conceitos, mas promove o desenvolvimento de competências essenciais, como pensamento crítico, solução de problemas e trabalho em equipe (Laevers, 2014). Nas áreas da saúde mental e enfermagem, essa abordagem é especialmente relevante, pois prepara os estudantes para enfrentar os desafios práticos e complexos da saúde, além de possibilitar a interação do estudante com os usuários dos serviços e equipes multidisciplinares, melhorando, assim, a qualidade do atendimento e a saúde dos envolvidos.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) estimula a participação de seu corpo discente a vivenciar a universidade e suas possibilidades, entre elas a extensão, integrando-se a ações, projetos e programas nas unidades acadêmicas. As iniciativas de extensão, em geral, são interdisciplinares e envolvem diversos departamentos e unidades acadêmicas, além de uma diversidade de parceiros (Universidade Federal de Minas Gerais, 2023). A Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG) contribui, de forma significativa, para a extensão da universidade com investimento na interface pesquisa/ensino/extensão, visando atender aos princípios da extensão universitária e à comunidade interna e externa.

Sob essa perspectiva, docentes do curso de enfermagem da EEUFMG criaram, em 2008, o projeto de extensão “Oficina do Cuidado de si: promovendo modos de vida saudável” no Centro de Convivência Arthur Bispo do Rosário, que pertence à RAPS do município de Belo Horizonte, Minas Gerais, orizonte – Minas Gcomo uma forma de promoção à saúde para os usuários da RAPS do município.

A RAPS é uma estrutura fundamental do sistema de saúde brasileiro, focada na promoção, prevenção e tratamento de transtornos mentais e do uso prejudicial de substâncias

psicoativas. A RAPS visa garantir a integralidade do cuidado e a continuidade dos serviços de saúde mental. A rede é composta por diversos pontos de atenção, incluindo Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), unidades de acolhimento, serviços de emergência, hospitais psiquiátricos, residências terapêuticas e serviços de atenção básica. Essa estrutura busca substituir o modelo hospitalocêntrico por uma abordagem comunitária, enfatizando a reabilitação psicossocial e a inserção dos indivíduos na sociedade (Brasil, 2013).

A RAPS também promove a articulação entre diferentes níveis de atenção e setores, como saúde, assistência social, educação e justiça, assegurando um cuidado multidisciplinar e intersetorial. Assim, a RAPS desempenha um papel crucial na transformação das práticas de saúde mental no Brasil, alinhando-se aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e aos direitos humanos (Brasil, 2013).

Os Centros de Convivência e Cultura no Brasil são espaços comunitários que desempenham um papel vital na promoção da saúde mental e na reintegração social de pessoas em adoecimento mental. É um serviço vinculado ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), parte do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Embora não faça parte diretamente do SUS, é reconhecido como um espaço potencial para intervenções em saúde básica para a população, sendo incluído na lista de Atenção Básica da RAPS (Brasil, 2013).

Os centros oferecem atividades culturais, artísticas, esportivas e de lazer, com o objetivo de fortalecer vínculos sociais, estimular a autonomia e melhorar a qualidade de vida dos participantes. Funcionando como uma extensão da RAPS, eles promovem a inclusão social e a desestigmatização da saúde mental, permitindo que os usuários e suas famílias se envolvam em atividades significativas e integradoras. Além disso, esses espaços incentivam a participação ativa dos usuários na gestão das atividades, favorecendo o empoderamento e a recuperação psicossocial. Ao proporcionar um ambiente acolhedor e livre de julgamentos, os Centros de Convivência e Cultura contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva e sensível às questões de saúde mental.

O projeto se propôs a ser um espaço criativo de convivência, onde o extensionista tivesse espaço e autonomia para construir, junto com os coordenadores do projeto, usuários e trabalhadores do serviço, ações para que ele acontecesse, desde a concepção, a elaboração até a operacionalização e a avaliação de oficinas de cuidados. Nas oficinas, foram trabalhadas questões relacionadas à promoção da saúde e prevenção de agravos em saúde de forma colaborativa, considerando a reabilitação psicossocial e a Reforma Psiquiátrica enquanto eixos norteadores.

A Reforma Psiquiátrica no Brasil, iniciada na década de 1980, representou uma mudança paradigmática na abordagem do cuidado em saúde mental, focando na desinstitucionalização e na promoção da reabilitação psicossocial. O movimento buscou substituir

o modelo hospitalocêntrico por uma rede de serviços comunitários, que incluem CAPS, residências terapêuticas e outros dispositivos de cuidado integrados ao território. A reabilitação psicossocial, como parte essencial dessa reforma, visa promover a inclusão social e a autonomia dos indivíduos com transtornos mentais, proporcionando-lhes oportunidades de participação ativa na comunidade, acesso ao trabalho, educação e lazer. Esse processo envolve a desconstrução do estigma associado à doença mental, a valorização do protagonismo dos usuários e a construção de estratégias de cuidado que respeitem a singularidade de cada pessoa. A Reforma Psiquiátrica brasileira tem como princípios fundamentais a dignidade, os direitos humanos e a cidadania, buscando transformar a assistência em saúde mental de modo a torná-la mais humanizada e efetiva (Sampaio; Bispo Júnior, 2021).

3 Uso da história oral na investigação da aprendizagem experiencial

A história oral é uma metodologia qualitativa sensível de investigação que se concentra na coleta e análise de relatos pessoais e testemunhos de indivíduos sobre eventos, experiências e aspectos da vida cotidiana. Ela utiliza, principalmente, entrevistas gravadas para capturar as perspectivas das pessoas sobre o passado (Alberti, 2004).

A história oral temática é uma metodologia de pesquisa que utiliza entrevistas e relatos orais para explorar aspectos específicos de experiências e eventos históricos. Diferentemente da história oral tradicional, que pode abranger tópicos diversos dentro da vida de um indivíduo, a história oral temática concentra-se em questões particulares. Essa abordagem permite uma compreensão profunda e detalhada de como eventos e temas específicos impactaram indivíduos e grupos, oferecendo uma perspectiva rica e diversificada que muitas vezes não está presente em fontes documentais tradicionais. Ao valorizar as narrativas pessoais e coletivas, a história oral temática não só preserva a memória e as vozes das pessoas, mas também contribui para a construção de uma historiografia mais inclusiva e multifacetada (Alberti, 2004).

Nessa abordagem, os pesquisadores conduzem entrevistas detalhadas com participantes que têm experiência em relação ao tema proposto. As entrevistas podem encampar uma gama de questões e temas, desde eventos significativos até aspectos da vida diária, cultura popular, tradições familiares, entre outros eventos que se desenrolam no tecido social. Os pesquisadores buscam compreender não apenas os fatos objetivos, mas também as interpretações subjetivas e as percepções individuais sobre o passado. Além disso, a história oral, de forma geral, enfatiza a importância do contexto e das relações sociais na formação das narrativas históricas e na compreensão da história a partir das experiências vividas, proporcionando revisitar o passado de forma única (Xavier *et al.*, 2020).

O Centro de Convivência e Cultura Arthur Bispo do Rosário foi o campo onde os participantes vivenciaram as experiências resgatadas na memória do vivido. Ele opera como uma ponte entre a pessoa em adoecimento mental e a cidade. Os centros oferecem oficinas de música, teatro, dança, artes plásticas, educação física, cerâmica, literatura e artesanato, entre outras, que visam promover a reabilitação psicossocial e fortalecer a autonomia das pessoas que lá estão.

Além de proporcionar um espaço seguro e acolhedor para a expressão criativa, os centros desempenham um papel crucial na desestigmatização da saúde mental, fomentando a interação social e a integração dos usuários na comunidade. As atividades culturais e artísticas oferecem um meio de expressão e comunicação, e funcionam também como uma estratégia para o desenvolvimento de habilidades sociais e pessoais. Por meio da arte e da cultura, os Centros de Convivência e Cultura promovem a inclusão, a autonomia e a melhoria da qualidade de vida, alinhando-se aos princípios da atenção psicossocial e da humanização do cuidado em saúde mental no Brasil.

O Centro de Convivência e Cultura Arthur Bispo do Rosário atende usuários da rede de saúde mental do município residentes na Regional Leste da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Os usuários do serviço podem ser encaminhados pelos serviços da rede de saúde mental do município ou por profissionais de saúde da rede de saúde suplementar. Os usuários do serviço devem morar no território onde está localizado o centro e estar em tratamento (Regne *et al.*, 2018).

Os Centros de Convivência e Cultura trabalham com a lógica da reabilitação psicossocial e seus eixos, como morar e habitar a cidade, trocar identidades/rede social, e trabalho/produzir e trocar mercadorias em espaços sociais de forma autônoma, articulados ao laço social e familiar (Rosse *et al.*, 2023). A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2023. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, norteadas por um roteiro com questões acerca da experiência no projeto como extensionista. Optou-se por uma amostra de conveniência para a realização do projeto. Uma amostra de conveniência é um tipo de amostragem não probabilística em que os participantes são selecionados com base na facilidade de acesso ou disponibilidade para o pesquisador. Nesse caso, todos os enfermeiros que participaram do projeto, como extensionistas, voluntários e bolsistas, entre os anos de 2008 e 2019, foram contatados e convidados por e-mail e telefone para participar da pesquisa. Os critérios de inclusão do estudo foram ter participado por, pelo menos, 12 meses do projeto, aceitar ser entrevistado uma ou mais vezes, se necessário, e assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido enviado por e-mail.

O projeto, entre os anos de 2008 e 2019, contou com a participação de 21 extensionistas, e 19 ex-extensionistas aceitaram participar da pesquisa. Não foi possível contatar dois ex-extensionistas, apesar dos esforços dos autores. No ano de 2010, o projeto

contou com a participação de um estudante do curso técnico em patologia clínica do Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais (COLTEC/UFMG), que também foi entrevistado.

Os participantes responderam às perguntas de três formas: entrevista face a face ou via plataforma digital, com duração de 40 a 60 minutos; entrevistas por telefone; e envio de respostas por escrito via e-mail. As entrevistas via *Google Meet*[®] tiveram igual duração das entrevistas face a face, ficando a cargo do participante escolher a melhor forma para participar do estudo. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes.

Para a análise dos dados optou-se pela utilização da metodologia de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um método utilizado nas ciências sociais para examinar e interpretar narrativas, entrevistas e testemunhos sobre determinado fenômeno, situação ou experiência. Suas etapas são: (1) pré-análise, na qual o pesquisador define os objetivos, formula hipóteses e seleciona os materiais que serão analisados; (2) exploração do material, na qual o conteúdo é categorizado e codificado, permitindo a identificação de padrões e temas; (3) tratamento dos resultados e interpretação, na qual os dados coletados são analisados, gerando inferências e conclusões que respondam às hipóteses iniciais do estudo (Bardin, 2011).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 02169312.3.000.5149. As falas dos participantes foram identificadas pela letra “P” (participante), seguida de um algarismo arábico, de acordo com a ordem em que foram realizadas as entrevistas (1, 2, 3...). Os resultantes são apresentados da seguinte forma: perfil dos participantes; descrição das atividades desenvolvidas no projeto; e as quatro categorias analíticas: (1) Motivação para participar do projeto e habilidades desenvolvidas; (2) Contribuições do projeto para as escolhas profissionais e gestão da carreira; (3) Importância da extensão em saúde mental na graduação em enfermagem; (4) Vivência com o outro que possibilita aprender a viver).

4 Aprendizagem experiencial na extensão universitária: impactos na formação em enfermagem e saúde mental

Foram realizadas 21 entrevistas com ex-extensionistas do projeto. Um participante do projeto era bolsista do ensino médio no programa de iniciação científica júnior da universidade; 18 participantes eram do sexo feminino; e três participantes eram do sexo masculino. Quando ocorreu a coleta dos dados, os participantes estavam na faixa etária entre 25 e 30 anos (78%), e 22%, entre 30 e 35 anos. Além disso, 45% possuíam de quatro a 15 anos de profissão. Entre os participantes graduados em enfermagem, nove participantes (57%) se especializaram nos níveis *lato sensu* e *stricto sensu* em saúde mental. Em relação ao

tempo de atuação no projeto, houve variação de um a 4 anos, indicando uma proximidade com o tempo de graduação em enfermagem de dez semestres.

O projeto “Oficina do cuidado de si” foi criado em 2008. Sua finalidade era promover a saúde das pessoas e prevenir agravos em saúde. O projeto realizava suas atividades por meio de oficinas de cuidado, disponibilizadas semanalmente por acadêmicos de enfermagem extensionistas (bolsistas e voluntários). No Centro de Convivência Arthur Bispo do Rosário, além do projeto de extensão, desenvolvia-se um projeto de pesquisa sobre o cuidado em saúde mental para além dos serviços de saúde e o estágio curricular da disciplina “Enfermagem Psiquiátrica” do curso de enfermagem da UFMG. Nesse sentido, o projeto cumpria as diretrizes da extensão universitária articular em três eixos, tais como ensino, pesquisa e extensão, desde sua criação.

O projeto foi coordenado por uma docente da área da saúde mental do curso de enfermagem e outra do curso de nutrição da EEUFMG. As oficinas, de forma dialógica, discutiam temas em saúde e saúde mental, abordados de forma coletiva, sustentando o diálogo entre os usuários do serviço e os extensionistas, para que ambos pudessem expressar suas opiniões, expor dúvidas, construir conhecimento e vivências.

A interação dialógica utilizada nas oficinas é uma diretriz da extensão universitária, e enfatiza o caráter colaborativo e transformador da educação, onde o conhecimento é construído de forma conjunta entre a universidade e a comunidade. Essa abordagem reconhece a importância de um diálogo horizontal, em que saberes acadêmicos e populares se entrelaçam, promovendo uma troca mútua de experiências e perspectivas. A extensão universitária, ao adotar essa postura, não apenas fortalece a função social da universidade, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a realidade social. A interação dialógica permite que a extensão ultrapasse a simples transmissão de conhecimento, transformando-se em um processo ativo de aprendizado e intervenção social (Reiter; Novelli, 2023).

As oficinas em saúde mental configuram-se espaços terapêuticos e educativos que oferecem atividades variadas, como artesanato, música, teatro, dança, culinária e esportes, com o objetivo de promover saúde e inclusão social. Elas proporcionam um ambiente seguro e acolhedor, onde as pessoas podem expressar suas emoções, desenvolver habilidades e construir redes de apoio. Além de funcionarem como um complemento ao tratamento clínico, as oficinas em saúde mental incentivam a autonomia, fortalecem a autoestima e promovem a integração comunitária. Por meio da participação ativa nas atividades, os usuários do serviço têm a oportunidade de explorar suas potencialidades, superar desafios pessoais e criar laços sociais, contribuindo para a desestigmatização da saúde mental e a melhoria da qualidade de vida.

As oficinas eram realizadas uma vez por semana, com duração de 60 minutos, e cerca de cinco a 15 (quinze) participantes por encontro. Os temas mais abordados foram higiene pessoal, alimentação saudável, uso e abuso de substâncias psicoativas, sexualidade, prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, cuidados em saúde, higiene mental, expressão de sentimentos e formas de convivência com o outro. Para isso, foram utilizados materiais educativos desenvolvidos pelos extensionistas. A avaliação das oficinas e do projeto como um todo era realizada após as oficinas com os usuários e durante reuniões do grupo com a coordenação do projeto. O registro das atividades era realizado em um diário de campo, criando, assim, a memória escrita do projeto. Os temas trabalhados eram organizados mensalmente pelos extensionistas com a coordenação, por demanda da gerente do serviço e sugestão dos usuários.

Em relação às atividades desenvolvidas no projeto, foram citadas: ações de promoção da saúde (oficinas com temas específicos em saúde e processo de adoecimento); práticas corporais (passeios pela cidade, atividade física); e atividades de vida diária (cuidar da casa, da higiene corporal, escolher alimentos saudáveis, preparo de refeições, entre outras).

A promoção da saúde foi trabalhada a partir de temas que permeiam o cotidiano dos usuários do serviço. Para essa atividade, foram desenvolvidos materiais educativos pelos extensionistas. Além de aprenderem a trabalhar de forma colaborativa e manejar o grupo de participantes das oficinas em suas dificuldades, os extensionistas desenvolveram competências técnicas e construíram conhecimento baseado em evidências científicas. Esse processo de trabalho, aprendizagem e ação possibilitou que os participantes pudessem vivenciar o cotidiano da enfermagem em um cenário diferente do usual no campo do ensino em saúde, ainda marcadamente biologicista.

As práticas corporais foram atividades realizadas dentro e fora do Centro de Convivência, amplamente utilizadas no projeto com o apoio de diferentes profissionais do serviço, e tiveram como objetivo a interação de forma lúdica. As oficinas utilizaram estratégias de intervenção variadas, como gincanas, bingo, jogos, experimentações corporais, atividade física, música, dança, produção de materiais pedagógicos, artísticos e culturais, entre outros. Também foram realizados passeios e incursões na cidade, tais como em museus, cinema, parques, praças e no próprio bairro onde fica situado o Centro de Convivência, trabalhando a ocupação dos espaços sociais coletivos e a mobilidade urbana.

As atividades de vida diária foram trabalhadas por oficinas de simulação de atividades do cotidiano no Centro de Convivência, tais como escolher um alimento para consumo considerando a validade e a qualidade do produto, comprar um medicamento e ler a bula, ir ao Centro de Saúde marcar uma consulta, iniciar uma conversa. Após a simulação, era possível reproduzir a atividade no comércio local do bairro onde o Centro de Convivência

está localizado. Além das orientações específicas sobre o cuidado em saúde, foram trabalhados o cuidado com o outro, com o meio ambiente, com a cidade e com o ecossistema, compreendendo esses sistemas de forma orgânica para o bem viver.

Na categoria “Motivação para participar do projeto e habilidades desenvolvidas”, o interesse pela área da saúde mental, a busca pela formação complementar, associada a uma avaliação do currículo no que concerne à carga horária das disciplinas de saúde mental, e o interesse pessoal estiveram presentes quando questionados sobre a motivação para ingressar no projeto.

Conhecer a atuação do enfermeiro na saúde mental; aprender sobre a política de saúde mental da cidade (P5).

Aprofundar o conhecimento, pois a grade curricular do curso tem déficit de carga horária em saúde mental (P8).

Tenho familiares com sofrimento mental (P4).

Participava de projetos de iniciação científica na área de saúde mental (P6).

Eu queria muito conhecer a área de saúde mental, pois era algo novo, e o projeto parecia muito interessante e diferente. A carga horária no currículo é pequena, então era uma forma também de complementar minha formação. O Arthur Bispo é um lugar de acolhimento, inclusive os alunos, o grupo de alunos no projeto na minha época era grande, com bolsistas e voluntários, e fiz boas amizades lá. A coordenação também era muito bacana, enfim, eu gostava de tudo (P18).

Durante o projeto, os extensionistas citaram que desenvolveram a habilidade de falar em público, o que contribuiu para o crescimento pessoal e profissional. Também foram citados a iniciativa, o compromisso, a proatividade, a gestão do tempo e a organização. Foram citadas atitudes necessárias e desenvolvidas ou aprimoradas durante o projeto, tais como tomada de decisão, autonomia, disciplina para os estudos e gestão da carreira acadêmica, gestão do projeto de forma colaborativa e comprometimento com a coordenadora do projeto, gerente, trabalhadores do serviço e usuários. Os entrevistados citaram que desenvolveram atitudes e habilidades devido à natureza inerente à atividade, que pressupunha interação com o outro e responsabilização pelas ações.

A articulação entre saberes e práticas produziu mudanças nos extensionistas, que as perceberam como significativas para a formação profissional e pessoal. Foi citada como desafio para o desenvolvimento do projeto a sobrecarga decorrente das atividades aca-

dêmicas (disciplinas, outros projetos, avaliações, estágios). Já a supervisão das ações do projeto foi identificada como um momento de aprendizagem e autoconhecimento.

Em relação à categoria “Contribuições do projeto para as escolhas profissionais e gestão da carreira”, os participantes apontaram as contribuições da extensão na formação acadêmica e escolhas na carreira profissional.

Tenho um carinho enorme pelo projeto, pois foi através dele que tive contato com as políticas de saúde mental, com os serviços substitutivos, o que me abriu muitas possibilidades do trabalho como enfermeira, até na gestão do Serviço de Urgência Psiquiátrica. Toda minha motivação para trabalhar na rede de saúde mental, fazer pós-graduação, veio a partir da participação no projeto. O curso de graduação em enfermagem na UFMG nos oferta uma formação muito robusta, mas a participação nos projetos de extensão, através da ponte da universidade com a sociedade, amplia os horizontes. Tenho muita saudade do projeto e gratidão pela oportunidade e condução de minha vivência neste projeto (P5).

Quando estava no projeto, me interessei pela área e, após a graduação, ingressei na residência multiprofissional em saúde mental (P7).

Através do projeto, me identifiquei na área e da enfermeira que gostaria de ser. Pensei, durante o curso, em largar a enfermagem, porém o projeto me fez persistir. Após a graduação, emendei o mestrado junto com a coordenadora do projeto, e fiz especialização em saúde mental na prática contemporânea, trabalhei como enfermeira para tratamento de dependentes químicos com adolescentes. Fiz doutorado na área de saúde mental e, se não fosse o projeto, não estaria na enfermagem ainda e muito menos tão realizada como sou hoje (P8).

Ajudou a compreender melhor a área e atuar em outras áreas. Hoje, me sinto segura para lidar com a saúde mental no geral (P2).

Depois de participar do projeto, por influência dele, entrei para a faculdade de medicina da UFMG com interesse em psiquiatria. Entretanto, já havia me percebido deslocado no campo da saúde, e a participação no projeto ajudou nessa percepção. Apesar de achar uma área nobre e bonita, desisti do curso e hoje atuo na área de física e matemática (P3).

Com a minha experiência no projeto, desejava fazer mestrado na área de saúde mental, o que não se concretizou, porque acabei migrando para a área da educação em saúde, o que, de alguma forma, também encontrou ressonância com o trabalho que desenvolvíamos no Arthur Bispo. Logo após finalizar a graduação, dei aula em um curso técnico de enfermagem, fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado, tudo na área de educação em saúde, na Escola de Enfermagem da UFMG. Trabalho na Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais como analista de educação e pesquisa em saúde (P4).

[...] a oportunidade de participar do projeto me auxiliou no atendimento desse público nas instituições hospitalares. É perceptível como nem todos os profissionais possuem capacitação para assistir o público portador de patologias psíquicas. No meu caso, tive a oportunidade de orientar puérperas nos cuidados de seus recém-nascidos (P6).

O projeto possibilitou aprender e reconhecer informações, ações e estratégias importantes no fazer profissional. Observa-se que a experiência influenciou a carreira e escolhas profissionais, assim como sensibilizou o extensionista para áreas correlatas de atuação da enfermagem, e os ajudou em situações adversas da vida. No geral, sempre fui tímido e pouco expressivo, focado em atividades individuais, principalmente os estudos, evitando contato com outras pessoas. O projeto estimulava a expressão verbal, atitude, trabalho em grupo nas oficinas. Essa via entre o conhecimento individual (no caso sobre saúde) e o contato com os pacientes e os estudantes de enfermagem foi extremamente importante para vencer a timidez e me tornar capaz de perceber o meio externo como importante na minha formação individual. A atitude de comunicar minhas ideias fazia bem para os pacientes e para mim (P3).

Tenho um primo com diagnóstico de esquizofrenia, e o trabalho no projeto muito me ajudou a compreendê-lo, bem como outras pessoas com as quais me encontrei na vida e que também apresentavam algum sofrimento psíquico (P4).

Quando fala de Reforma Psiquiátrica, quando tenho contato com portador de sofrimento mental, sempre me lembro das relações que desenvolvi no projeto e me lembro do projeto, os relatos dos usuários, aprendi a escutar (P9).

Me ajudou a crescer como pessoa e profissional. Hoje, tenho uma visão mais amadurecida sobre a área da saúde mental e o impacto que nós enquanto profissionais da área da saúde temos sobre a vida dos usuários (P1).

[...] percebi que a saúde mental deve andar em conjunto com todas as áreas da saúde. Tirou meu preconceito sobre a saúde mental (P2).

Após a minha formatura, desenvolvi um quadro depressivo grave. Durante o tratamento, me vi do outro lado como paciente e utilizei algumas metodologias empregadas durante as oficinas (P6).

Olhar e sensibilidade diferente frente às questões que não são minhas, e levo isso para tudo. A luta antimanicomial não é uma luta minha, mas luto hoje através desse olhar. Cada um tem suas dificuldades, potencialidades, aprender a escutar. Somos formados para falar e o projeto proporciona momento de escuta e carrego isso para vida toda (P8).

O fato do projeto ter sensibilizado jovens estudantes à época de suas vivências aponta o potencial da extensão para discutir o adoecimento mental, qualificando os futuros enfermeiros para o trabalho e seus desafios profissionais e na vida. A enfermagem em saúde mental guarda em sua história resquícios do cuidado asilar que devem ser corrigidos na formação acadêmica para não incorrer no risco de replicar modelos excludentes de cuidado. Nesse sentido quando profissionais em formação tem a experiência, por meio de projetos de extensão, de trabalhar no campo da saúde mental o horizonte do cuidado na área é ampliado, estigmas e preconceitos são deixados de lado em relação à pessoa adoecida ou em adoecimento, o que contribui para a qualificação do cuidado do futuro profissional.

A terceira categoria, “Importância da extensão em saúde mental na graduação em enfermagem”, aponta que perceber a saúde mental enquanto campo social e as pessoas que por ela circulam fora da sala de aula, no convívio diário e no movimento que permeia os processos educativos em saúde contribuiu para a formação acadêmica do futuro trabalhador do cuidado. O fazer, no sentido de pensar, planejar, operacionalizar e avaliar as oficinas, além do manejo de diferentes situações que se apresentam nesse processo, permitiu que o extensionista conhecesse algo que é da prática, mas que depende da teoria para acontecer.

O conhecimento é apreendido, aprendido e consolidado nesse movimento de construção do conhecimento e do saber fazer.

[...] ajuda a conectar a universidade à sociedade. Ao mesmo tempo que estamos aprendendo enquanto alunos, estamos repassando esse conhecimento para a sociedade. É uma boa maneira de mostrar ao público o trabalho da universidade pública (P1).

Importante para colocar os conhecimentos acadêmicos para a população em geral. Essa percepção sempre deve ser enfatizada. [...] sem comunicação universidade/população, não haverá percepção da importância das universidades por parte da população, o que pode dar força a discursos ideológicos que desqualificam o ambiente universitário e enfraquecem a ciência no Brasil. Portanto, o trabalho de extensão é extremamente importante, ainda mais em tempos politicamente conturbados e irracionais como os atuais, no qual há a tentativa de colocar as universidades contra a população, que desconhece o trabalho universitário, sendo convencida de inverdades (P3).

Considerando o caráter educativo do projeto de extensão, posso dizer que contribuiu para a minha carreira, porque a educação em saúde atravessou minhas escolhas profissionais e até hoje é minha área de estudo e de trabalho. O projeto fez-me estar em contato direto com as necessidades de pessoas portadoras de sofrimento psíquico em um serviço substitutivo ao manicômio. Isso remonta as apostas políticas que hoje carrego na vida e na minha atuação profissional. O projeto é extre-

mamente importante para aproximar a realidade de estudo e de pesquisa vivida na universidade da realidade de vida da comunidade (P4).

Oportunidade de vivência fora da sala de aula e conhecer a área. Quebra de paradigmas, reflexão e interesse pela área. O projeto é extremamente importante. Mesmo que o aluno não vá seguir na área, o acadêmico tem a oportunidade de atuar como profissional fora da universidade (P7).

Tem contribuído para minha formação como enfermeira e o que sou hoje, como pessoa e profissional. A extensão é fundamental, essencial, e na saúde mental, é mais evidente. O tempo de estágio curricular é muito curto, e as atividades são feitas através de uma obrigação voltada para nota, e a extensão universitária não, tem realidade profissional e traça o caminho na qual se quer seguir (P8).

O desenvolvimento de ações de enfermagem em cenários de cuidado específicos de uma determinada área fortalece a identidade profissional, possibilita o desenvolvimento de competências, além de melhorar a qualidade e a capacidade do profissional planejar e implementar o cuidado. Reconhece-se que a extensão universitária contribui para a formação discente.

A “Vivência com o outro que possibilita aprender a viver”, enquanto categoria, apontou que, para além das questões de aprendizagem, escolhas profissionais, sensibilização para a área da saúde mental e o desenvolvimento de competências, os participantes do estudo compartilharam situações pessoais vividas em que a participação no projeto foi fundamental para sustentar a saúde mental naquele momento.

[...] durante o meio do curso, eu estava em depressão, e entrei no projeto um pouco antes de piorar, às vezes eu pensava em acabar com tudo e desistir da vida mesmo, sumir, em suicídio... era difícil conciliar as atividades do curso, provas, trabalhos. Eu dormia pouco, comia mal e ficava ansioso com os estágios,... eu queria parar a dor, mas pensava nos usuários do Centro de Convivência... como eles ficariam sabendo que eu desisti, a coordenadora com certeza brigaria muito comigo (risos), e o pessoal de lá ficaria triste, fiquei com vergonha... então, ir ao projeto semana a semana era uma promessa que eu fazia para viver, assim com o tempo, e o tratamento, eu fui melhorando e hoje vejo que nesse sentido o Arthur Bispo me salvou. Nunca contei isso a ninguém do projeto (P13).

[...] minha mãe estava doente, meu pai saiu de casa, meu irmão usando drogas, tudo bem difícil, e eu sofria muito com isso, com questão de dinheiro também, comecei a me cortar, a professora falava: “Vai passar, vamos um dia de cada vez, eu conto com você...” e não parava de me dar trabalho e me apoiar a buscar o tratamento. Hoje, eu entendo que ela estava ocupando meu tempo, me fazendo sentir e ver que eu tinha outros caminhos para seguir, e cuidando ao mesmo tempo. A bolsa me ajudou a terminar o curso, busquei tratamento e manter o compromisso com o

projeto, pois eu era responsável por organizar as oficinas. Tudo isso fez com que eu conseguisse passar por aquele período (P15).

No fim do curso, eu me perdi, não sabia se era aquilo mesmo que eu queria, tranquei o curso, e depois voltei, mas com o mesmo sentimento. Foi quando entrei no projeto, e lá, apesar de não ser um lugar de tratamento em saúde, ao mesmo tempo é. Eu consegui ver e vivenciar o trabalho da enfermagem fora da imagem da enfermeira, que só dá plantão e injeção, poucas vezes eu me senti tão valorizada com o meu trabalho como acadêmica como lá. Os usuários valorizavam nosso trabalho, nos elogiavam e criticavam quando errávamos, mas sempre com respeito. Às vezes, brincavam dizendo: “Vou dizer para a professora te reprovar... você vai ser enfermeira que só dá injeção?”. Isso nos motivava, o pessoal sempre foi gentil com os alunos da enfermagem, e isso fez com que eu terminasse o curso em paz com a profissão (P10).

Uma época, eu sumi do projeto, estava mal. Meu pai morreu de forma violenta, e eu fiquei arrasada, eu simplesmente abandonei tudo. A professora me ligava todo dia, e dizia que, se eu não fosse, o projeto iria acabar, que eu deveria ir ao centro dar uma satisfação do meu sumiço. No começo, fiquei chateada, pensei que ela era insistente e mal-educada de não me deixar passar por aquele momento em paz. Um dia eu resolvi ir ao projeto para dizer que estava saindo oficialmente, cheguei lá e ela me recebeu com um abraço dizendo: “Você está atrasada, menina, mas que bom que está aqui, vamos começar a oficina”. A oficina foi linda, e quando falei da minha perda, ela e os usuários me acolheram com um abraço coletivo, nunca esqueci. Era uma oficina sobre cultivar com amor as memórias sobre quem a gente ama e perdeu, daí eu voltei para a escola e para o projeto. Isso fez toda a diferença na forma como eu trabalho hoje, sem falar nada sobre minha dor ou sobre o meu sumiço, e a bolsa que eu estava recebendo sem ir, todos me acolheram, eu fui cuidada... sou grata e tenho carinho pelo projeto por isso (P17).

Observa-se que os participantes vivenciaram experiências diversas no campo do ensino, da formação profissional e da vida durante o período de extensionistas. A saúde mental das pessoas pode ser, para alguns, um processo individual, mas ela precisa do coletivo quando se refere ao cuidado. Daí é possível afirmar, com base nos relatos, que, para esses participantes, a vivência em um projeto de saúde mental e enfermagem foi significativa para a vida de cada um, em momentos de vulnerabilidade, sofrimento e adoecimento.

A vivência dos participantes no projeto foi fator protetor em relação ao adoecimento mental. Por meio das atividades nas quais os estudantes estavam envolvidos, eles conseguiram terminar o curso, se organizar diante de situações adversas e viver. É interessante notar, com base nos relatos, que a participação no projeto de extensão também se configurou uma ação de cuidado em saúde mental para os participantes.

A saúde mental dos estudantes universitários na área da saúde é uma questão crítica, devido a série de vulnerabilidades associadas a essa trajetória acadêmica. Esses estu-

dantes enfrentam uma carga horária intensa, pressão acadêmica constante e a responsabilidade emocional de lidar com o sofrimento humano durante estágios e práticas clínicas. A transição da teoria para a prática clínica pode ser particularmente desafiadora, aumentando o impacto na saúde mental. Portanto, é essencial que as instituições de ensino ofereçam acolhimento em saúde mental, promovam programas de bem-estar e criem um ambiente de suporte e colaboração para mitigar esses desafios e promover a saúde mental dos futuros profissionais da área da saúde, prevenindo o adoecimento mental.

A promoção da saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde (2021), é o processo em que indivíduos e comunidades podem melhorar sua saúde e exercer maior controle sobre os determinantes sociais de saúde. Isso inclui uma gama de atividades, desde a educação em saúde e a criação de políticas públicas saudáveis até a melhoria das condições sociais e ambientais. A Organização Mundial da Saúde (2022) enfatiza a importância de abordar os determinantes sociais de saúde, como pobreza, desigualdade e acesso aos serviços de saúde, para alcançar uma saúde plena. A promoção da saúde envolve a participação ativa da comunidade, colaboração intersetorial e o fortalecimento das capacidades individuais e coletivas, visando não apenas à prevenção de doenças, mas a melhoria contínua do bem-estar físico, espiritual, mental e social.

Nesse sentido, a promoção da saúde foi associada às atividades de orientação de temas diversos, além de temas associados à promoção da saúde, prevenção de doenças e seus agravos. As práticas corporais desenvolvidas possibilitaram a interação entre indivíduos e grupos sociais, promovendo a socialização, o reconhecimento de si, o sentimento de pertencimento e a formação de vínculo. As práticas corporais trabalham com a relação funcional do corpo e do meio ambiente, compreendidas como um fenômeno de interação social orgânico (Pascoe *et al.*, 2020).

As atividades de vida diárias são orientações para que o indivíduo possa interagir com o ambiente, apoiar a vida diária em casa e na comunidade, e têm como objetivo promover autonomia no desempenho dos papéis ocupacionais no contexto social em que estão inseridos. A autonomia reduzida nas atividades de vida diária de pessoas em adoecimento mental pode ser explicada pela falta de planejamento nas funções executivas e no desenvolvimento de ações intencionais (Macedo *et al.*, 2018).

No aspecto do cuidar, a enfermagem, no desempenho de suas competências, está próxima aos indivíduos e à comunidade, tornando-se referência para as orientações sobre cuidados individuais e coletivos em saúde. O enfermeiro também executa o papel de agente terapêutico, contribuindo com a qualidade de vida do indivíduo em sofrimento ou adoecimento mental. As orientações de enfermagem, quer sob demanda ou planejadas, a partir de um diagnóstico situacional, são trabalhadas de forma processual, com o objetivo

de promover o autocuidado e a multiplicação da informação em saúde baseada em evidências científicas e nas boas práticas em saúde mental e enfermagem (Hartley *et al.*, 2020).

A motivação para participar do projeto foi associada, pela maioria dos participantes, à necessidade de formação complementar na área da enfermagem em saúde mental, justificada pela avaliação de fragilidade na grade curricular do curso. No Brasil, o currículo das Escolas de Enfermagem em relação às disciplinas “Enfermagem Psiquiátrica” e “Saúde Mental” ainda é frágil, tanto no aspecto da carga horária, destinada para as disciplinas nas instituições públicas, marcadamente nas instituições privadas, quanto nas questões relativas à oferta de carga horária prática em serviços de saúde mental. Essa realidade tem um impacto na formação do enfermeiro para o trabalho no campo da saúde mental e na abordagem das pessoas em sofrimento mental nos serviços de saúde em geral (Reinaldo *et al.*, 2021).

A extensão universitária tem se mostrado importante na formação profissional no desenvolvimento das competências profissionais e na compreensão da responsabilidade social da universidade em relação à sociedade (Oliveira *et al.*, 2023). Pesquisas apontam que a extensão universitária em enfermagem e saúde mental influencia, de forma positiva, os alunos extensionistas na escolha da especialidade, a partir do momento em que vivenciam atividades com pessoas em sofrimento e adoecimento mental, e promovem empatia, redução do estigma e preconceito, sensibilizando para a área de forma social e política. Outro ponto importante é que os extensionistas podem identificar e reconhecer seu potencial profissional, suas habilidades e conhecerem as subespecialidades da área, como saúde mental infantojuvenil, comunitária, forense, no hospital geral, álcool e outras drogas, entre outras (Sousa *et al.*, 2020).

A participação em projetos de extensão universitária oferece aos estudantes a oportunidade de aplicar seus conhecimentos em contextos reais e contribuir para a comunidade. No entanto, essa experiência pode também os expor a vulnerabilidades. A carga horária de trabalho extra, além da já existente devido às atividades acadêmicas, pode levar ao esgotamento e estresse. A exposição a realidades sociais desafiadoras e ao sofrimento humano, sem o suporte emocional adequado, pode afetar negativamente a saúde mental.

A promoção da saúde mental entre estudantes universitários é crucial para o desenvolvimento acadêmico e pessoal, considerando os desafios únicos enfrentados por essa população. As universidades devem criar ambientes acolhedores que promovam o cuidado em saúde mental. Os projetos de extensão em saúde mental podem ajudar os estudantes a reconhecer e lidar com as adversidades da vida. Ao adotar uma abordagem acolhedora e integral, é possível fortalecer a resiliência e os fatores protetores em saúde mental na vida dos estudantes, além de potencializar seu sucesso acadêmico (Fragelli; Fragelli, 2021).

Observa-se que a extensão universitária pode ser compreendida como uma aprendizagem experiencial em que o aprendizado é enfatizado através da experiência direta e da reflexão sobre essas experiências. Os estudantes adquirem competências ao se envolver ativamente em atividades práticas e contextos reais. A aprendizagem experiencial vai além da simples absorção de informações, estimulando os estudantes a aplicar teorias em situações concretas, resolver problemas reais e refletir criticamente sobre suas ações e resultados. Esse processo dinâmico não apenas facilita a construção do conhecimento, mas também desenvolve competências essenciais, como pensamento crítico, resolução de problemas e habilidades interpessoais, preparando os estudantes para os desafios do mundo profissional (Miettinen, 2000).

Os resultados apontam para o potencial da extensão universitária em saúde mental. Observa-se um impacto significativo na formação e prática dos estudantes de enfermagem, especialmente no que diz respeito às diferentes e possíveis formas de cuidado ao outro. Ao participar de projetos extensionistas voltados para a saúde mental, os estudantes de enfermagem têm a oportunidade de vivenciar diretamente as complexidades do cuidado em saúde mental, desenvolvendo habilidades práticas e emocionais que são essenciais para o atendimento humanizado. Através da interação com pacientes e comunidades, os estudantes aprimoram sua capacidade de empatia, escuta ativa e intervenção, fatores cruciais para o manejo adequado das questões de saúde mental. As experiências vividas permitem que os profissionais de enfermagem, durante o processo formativo, compreendessem os determinantes sociais de saúde mental e a importância de uma abordagem integrada e interdisciplinar no cuidado, preparando-os para enfrentar os desafios da prática profissional com maior segurança e competência.

As limitações do estudo estão associadas ao fato de não termos trabalhos ou experiências em que possa ser possível comparar os resultados obtidos na pesquisa com outros de mesma natureza, independentemente do cenário onde foi desenvolvido. O estudo pode contribuir para o conhecimento sobre o impacto dos projetos de extensão em saúde mental e enfermagem na formação acadêmica, no processo de formação profissional e na vida dos estudantes universitários, em um momento de vulnerabilidade e necessidade de acolhimento e suporte, para que os futuros enfermeiros possam desenvolver seu potencial plenamente.

5 Conclusão

A extensão universitária em saúde mental e enfermagem cria ambientes colaborativos, democráticos e inclusivos, colaborando para a formação acadêmica dos futuros trabalhadores do cuidado. Quando a extensão é integrada ao currículo, incentiva a comunidade

acadêmica a considerar as necessidades urgentes da sociedade e a colaborar na definição das ações necessárias. Assim, a extensão não é uma atividade qualquer ou uma ação sem método. Ela possui metodologias específicas, em sua maioria utilizando metodologias ativas, como se observa neste estudo, e deve ser reconhecida como uma parte essencial da formação acadêmica, considerando suas diretrizes.

Aponta-se a potência das ações desenvolvidas como um modo de intervenção em saúde mental, pois o projeto possibilitou um ambiente de aprendizagem propositivo e proporcionou aos extensionistas, agora profissionais, construir, desenvolver, aplicar e consolidar o conhecimento envolvido na concepção, planejamento e realização das oficinas. A formação em extensão é uma aprendizagem experiencial, em que, durante o percurso, os discentes, a partir do conhecimento necessário para gerir um projeto, aprendem a sistematizar o conhecimento, vivenciam a teoria no campo da prática e se conectam com pessoas e coletivos com reciprocidade.

Observa-se que a participação no projeto contribuiu para as escolhas e posicionamentos profissionais no que tange à saúde mental, reduzindo estigma, preconceito e sensibilizando o futuro enfermeiro para a temática. As atividades realizadas no projeto estavam alinhadas à educação em saúde, com a finalidade de promover saúde e prevenir agravos, além de abordar as questões psicossociais e a interação entre estudantes, equipe e usuários do serviço.

A aquisição e o desenvolvimento de habilidades, atitudes e competências que se alinharam às competências gerais e específicas da enfermagem e seus componentes, enquanto profissão, apontam que a extensão universitária contribui para a formação discente. Nas categorias elencadas na análise qualitativa, identificamos as motivações, contribuições, mudanças e percepção dos entrevistados em relação ao projeto de extensão e à extensão universitária. A extensão universitária, nesse sentido, foi percebida como uma oportunidade de complementar a formação profissional e uma forma de levar o conhecimento teórico para a prática e vice-versa e compartilhar a produção acadêmica da universidade com a comunidade, aproximando-as, trocando saberes e práticas, e construindo novas possibilidades de ações e intervenções.

O contexto no qual o projeto é desenvolvido, no campo da saúde mental, é específico de uma área que trabalha com as fragilidades e vulnerabilidade dos sujeitos, com estigma e preconceito associados à condição de adoecimento de uma parcela da população. Em contrapartida, o projeto propôs um novo olhar para a pessoa em adoecimento mental em diferentes contextos sociais e de atenção à saúde. O Centro de Convivência não é um serviço de saúde, mas, por meio da arte, da cultura e da convivência de diferentes atores, ele produz saúde e cuidado, ambos objetos de estudo e atuação da enfermagem, o que contribuiu para a formação do estudante, no sentido de vivenciar experiências

de educação e promoção da saúde, prevenção de agravos e adoção de modos de vida saudáveis, expandindo a percepção do potencial da atuação do enfermeiro em diferentes áreas e contextos.

Identifica-se a potência do estudo para impulsionar pesquisas na área da avaliação qualitativa dos projetos de extensão e da extensão universitária no que concerne à formação dos estudantes de graduação. Aponta-se a possibilidade de identificar fortalezas e fragilidades da extensão em saúde mental e enfermagem, além de discutir a importância da extensão universitária associada ao ensino e à pesquisa para a aproximação da universidade com a comunidade, para a difusão do conhecimento, compartilhamento de saberes e práticas, e formação profissional.

Aponta-se que é necessário avançar em alguns pontos, em especial no fortalecimento do investimento financeiro, para que os discentes possam participar dos projetos com bolsas de extensão, pois muitos estudantes dependem desse recurso para se manter na universidade. A interação com uma área tão sensível na saúde pode contribuir para formar trabalhadores de cuidados críticos e conscientes de que modelos em atenção à saúde e políticas públicas têm impacto na vida das pessoas em adoecimento mental, formando trabalhadores alinhados à defesa dos direitos à saúde da população, mobilizados socialmente por vivências e experiências que contribuem para uma saúde mental que defende o tratamento em liberdade.

É necessário que as universidades valorizem a extensão universitária, incentivando os docentes para que projetos de extensão possam alcançar indivíduos e coletivos, oferecendo ações de qualidade pautadas na ciência e promovendo a popularização da ciência, por meio da produção e divulgação do conhecimento extramuros. Nesse sentido, a extensão universitária cumpre o papel social da universidade no que concerne à difusão do conhecimento, dos saberes e das práticas desenvolvidos no ambiente acadêmico, do compartilhamento do conhecer, fazer, conviver e ser com a sociedade, e da formação diversa e de qualidade que se pretende oferecer ao corpo discente considerando as relações que se estabelecem no tecido social.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. 3.ed. São Paulo: Editora FGV. 2013. 236 p.
- ABROCESI, Solange; AYALA, Arlene Laurenti Monterrosa; SHUMACHER, Beatriz. Curricularização da extensão: uma proposta da disciplina de enfermagem em saúde mental. **Epitaya E-books**, v.1, n.3, p. 218-230, jan. 2022. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/254>. Acesso em: 09 set. 2024.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 2.ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 225p.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 20 dez. 1996, seção 1, p. 27833.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano nacional de extensão universitária**: fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras e SESu. Brasília, DF: Ministério da Educação, 16 mai.1999.
- BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde Mental. **CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA**, n. 34. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 24 abr. 2013.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014 - 2024**: linha de base. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 14 mai. 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 18 dez. 2018.
- BRITO, Hávila Rachel do Nascimento Gomes; ALVES, Erinaldo Domingos; CRUZ, Erislene Rayanne Moreira; CARNEIRO, Sofia Vasconcelos; BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; CARVALHO, Mariza Maria Barbosa; CÂMARA, Cândida Maria Farias; VIDAL, Andréa Alexandre; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos. Extensão universitária e ensino em saúde: impactos na formação discente e na comunidade. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.3, p. 29895–29918, mar. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26939>. Acesso em: 09 set. 2024.
- FRAGELLI, Thaís Branquinho Oliveira; FRAGELLI, Ricardo Ramos. Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rápida revisão de estudos longitudinais. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v.11, p.1–21, jul. 2021. DOI: 10.35699/2237-5864.2021.29593. DOI: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/29593>. Acesso em: 9 set. 2024.
- GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária**: Para quê? São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. 36p.
- HARTLEY, Samantha; RAPHAEL, Jessica; LOVELL, Karina; BERRY, Katherine. Effective nurse-patient relationships in mental health care: a systematic review of interventions to improve the therapeutic alliance. **International Journal of Nursing Studies**, Local, v.102, n. 103490, p.11-17, feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2019.103490>. Acesso em: 9 set. 2024.

LAEVERS, Ferre. Fundamentos da educação experiencial: bem-estar e envolvimento na educação infantil. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v.25, n.58, p.152–185, ago. 2014. DOI: [10.18222/eae255820142794](https://doi.org/10.18222/eae255820142794). Disponível em: <https://publicacoesfcc.emnuvens.com.br/eae/article/view/2794>. Acesso em: 9 set. 2024.

MACEDO, Darlyane Antunes; BEDRIKOW, Rubens. Projetos de extensão do Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma universidade pública brasileira Título em inglês: Extension projects of Nursing Graduation Course in a Brazilian public university. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v.5, n.3, p.117–127, nov. 2020. DOI: [10.18310/2446-4813.2019v5n3p117-127](https://doi.org/10.18310/2446-4813.2019v5n3p117-127). Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2276>. Acesso em: 9 set. 2024.

MIETTINEN, Reijo. The concept of experiential learning and John Dewey's theory of reflective thought and action. **International Journal of Lifelong Education**, Chicago, v. 11, n. 1, p. 54-72, fev. 2000. DOI <https://doi.org/10.1080/026013700293458>. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/026013700293458>. Acesso em: 9 set. 2024.

MIGUEL, José Carlos. A curricularização da extensão universitária no contexto da função social da Universidade. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. 2-25, jan. 2023. DOI <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v19i50.11534>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/11534>. Acesso em: 9 set. 2024.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré; PINTO, Aline Maria Melo; RODRIGUES, Caio San; SILVA, Lídia Cristina Monteiro da; SILVA, Emília Nascimento; FRANÇA, Sabrina da Silva; OLIVEIRA, Flávia Regino; NASCIMENTO, Ravena Silva do. “O caminho se faz caminhando”: experiência de integrantes de uma liga de saúde mental. **Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 53–68, 2023. DOI: [10.5965/cidea.v6i1.21596](https://doi.org/10.5965/cidea.v6i1.21596). Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/21596>. Acesso em: 9 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Plano de ação compreensiva em saúde mental 2013-2030**. Genebra: OMS, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório de saúde mental no mundo: transformando a saúde mental para todos**. Genebra: OMS, 2022.

PASCOE, Michaela; BAILEY, Alan P; CRAIKE, Melinda; CARTER, Tim; PATTEN, Rhiannon; STEP-TO, Nigel; PARKER, Alexandra. Physical activity and exercise in youth mental health promotion: a scoping review. **BMJ Open Sport & Exercise Medicine**, Michigan, v. 6, n. 1, p. 677-782, jan. 2020. DOI [10.1136/bmjsem-2019-000677](https://doi.org/10.1136/bmjsem-2019-000677). Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjsem-2019-000677>. Acesso em: 9 set. 2024.

PEREIRA, Emanuely Vieira; XAVIER, Samyra Paula Lustoza; FIALHO, Ana Virgínia de Melo; MIRANDA, Karla Corrêa Lima; SILVA, Lúcia de Fátima da; GUEDES, CAVALCANTE, Maria Vilani; FREITAS, Maria Célia de. Pensamento complexo e formação em enfermagem: possibilidades da extensão universitária. **Revista Enfermagem Atual in Derme**, Rio de Janeiro, v. 96, n. 39, p. e–021278, jul. 2022. DOI: [10.31011/reaid-2022-v.96-n.39-art.1444](https://doi.org/10.31011/reaid-2022-v.96-n.39-art.1444). Disponível em: <https://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/1444>. Acesso em: 9 set. 2024.

REGNE, Giulia Ribeiro Schettino; REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; TAVARES, Marcus Luciano Oliveira; PEREIRA, Maria Odete. História e memória da criação de um centro de convivência. **Saúde em Redes**, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 63–73, ap. 2019. DOI: [10.18310/2446-4813.2018v4n3p63-73](https://doi.org/10.18310/2446-4813.2018v4n3p63-73). Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/1698>. Acesso em: 9 set. 2024.

DOS REIS, Ligiani; ALLES, Catarina; PAIVA, Héres; ANVERSA, Ana Luiza; MOREIRA, Evando; OLIVEIRA, Amauri; E SOUZA, Vânia. Curricularização da extensão em cursos da área da saúde: uma revisão integrativa. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 16, n.1, jul. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/jpe.v16i1.86071>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/86071>. Acesso em: 09 set. 2024 .

REITER, Ana Clara Waituch; NOVELLI, Daniela. Extensão universitária no ambiente virtual: Impactos no cumprimento de suas diretrizes. *Revista UFG, Goiânia*, v. 23, 2023. DOI: [10.5216/revufg.v23.76802](https://doi.org/10.5216/revufg.v23.76802). Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/76802>. Acesso em: 9 set. 2024.

REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; SOUZA, Girliani Silva de; SILVEIRA, Belisa Vieira da. Enfermagem Psiquiátrica, Saúde Mental e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**. Ribeirão Preto, v. 17, n. 3, p. 57-66, jul. 2021. DOI [10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.174632](https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.174632). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.174632>. Acesso em: 09 set. 2024.

ROCHA, Sibebe Ponte; PONTE NETO, Osmar Arruda; QUITERIA Larissa Teodoro Farias; MACIEL, Gabriel Pereira; SILVA, Ívina Alessa Bispo; SOUSA, Joaquim Ismael Teixeira de; CAVALCANTE, Ana Suelen Pedroza; VASCONCELOS, Maristela Inês Osawa. A curricularização da extensão na graduação em saúde: a experiência de um curso de enfermagem. **Saúde em Redes**, Saúde em Redes, v. 5, n. 3, p. 275–283, mai. 2019. DOI: [10.18310/2446-4813.2019v5n3p275-283](https://doi.org/10.18310/2446-4813.2019v5n3p275-283). Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2440>. Acesso em: 9 set. 2024.

ROSSI, Aline Fernandes; PAULA, Barbara Avelino de; ISRAEL, Flávia Meirelles; CAMARGOS, Melina Alves de. A tessitura da construção coletiva de indicadores de saúde mental em Centros de Atenção Psicossocial. **Saúde em Debate**, Porto Alegre, v. 47, n. 137, p. 333-345, apr. 2023. DOI [10.1590/0103-1104202313723](https://doi.org/10.1590/0103-1104202313723). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313723>. Acesso em: 9 set. 2024.

SAMPAIO, Mariá Lanzotti; BISPO JÚNIOR, José Patrício. Dimensão epistêmica da Reforma Psiquiátrica Brasileira: significados de gestores, profissionais e usuários. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, UNESP, v. 25, n. 1, p. e200267, feb. 2021. DOI [10.1590/Interface.200267](https://doi.org/10.1590/Interface.200267). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface>. Acesso em: 9 SET. 2024.

SANTO NETO, Adelmo Fernandes do Espírito; LEMOS, Keytiane Cristine de; LARA, Elisa; CRUZ, Jéssica Cristina; GOULART, Náthali de Oliveira; MORAIS, Gabriela; VIEIRA, Hildicéia. (2023). Health education initiatives within the Mental Health curricular extension in Nursing undergraduate studies: An experiential report. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 12, p. e140121244121, nov. 2023. DOI: [10.33448/rsd-v12i12.44121](https://doi.org/10.33448/rsd-v12i12.44121). Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/44121>. Acesso em: 9 sep. 2024.

SOUSA, Ianed da Luz; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; GUTBERLE, Jutta. A extensão universitária: espaço de comunicação e de transformação social. **Cadernos de Pesquisa**, UFMA, v. 27, n. 4, p. 372–395, out/dez. 2020. DOI: [10.18764/2178-2229.v27n4p372-395](https://doi.org/10.18764/2178-2229.v27n4p372-395). Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/16015>. Acesso em: 9 set 2024.

TEIXEIRA, Ana Isabel; PIRES, Regina. A supervisão clínica em enfermagem de saúde mental: novos tempos e perspectivas de mudança. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Lisboa, v. 28, n. 1, p. 1-7, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.19131/rpesm.342>. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/rpesm/n28/1647-2160-rpesm-28-1.pdf>. Acesso em: 9 set 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Guia 2023**: orientações para apresentação de Programas e Projetos. Belo Horizonte: Pró-reitoria de Extensão. Programa de Bolsas da Extensão PBEXT, 2023.

XAVIER, Antônio Roberto; MUNIZ, Karla Renata de Aguiar; SANTANA, José Rogério; CARNEIRO, Daniel Luis Madeira.. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2020. DOI: [10.47149/pemo.v2i1.3802](https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3802). Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802>. Acesso em: 9 set. 2024.

Recebido em janeiro/2024 | Aprovado em agosto/2024

MINIBIOGRAFIA

Girliani Silva de Souza

Doutora em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento pela UFPE. Professora Adjunta III do Departamento de Enfermagem Clínica-Cirúrgica UNIFESP. Subcoordenadora do Grupo de Pesquisa Grupo de Pesquisa Saúde Mental Álcool e outras Drogas.

E-mail: girliani.silva@unifesp.br

Marlene Azevedo Magalhães Monteiro

Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela UFV. Professora Associada IV do Departamento de Nutrição/ Escola de Enfermagem - UFMG. Membro do Grupo de Pesquisa Intervenções em Nutrição.

E-mail: marleneamonteiro@gmail.com

Miriam Maria Gonçalves Chaves

Mestre em Gestão de Serviços de Saúde/ Escola de Enfermagem - UFMG. Enfermeira Secretária de Saúde do Município de Belo Horizonte - Minas Gerais.

E-mail: miriammaria@pbh.gov.br

Amanda Márcia dos Santos Reinaldo

Doutora em Enfermagem Psiquiátrica USP. Professora Titular Departamento de Enfermagem Aplicada/Escola de Enfermagem - UFMG e do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência/Faculdade de Medicina - UFMG. Coordenadora Grupo de Pesquisa Saúde Mental Álcool e outras Drogas.

E-mail: amandamsreinaldo@gmail.com